

18º Congresso Brasileiro de Sociologia
26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)

GT 09: Pensamento Social no Brasil

Candido e Miceli: ambivalências sociológicas de um prefácio

João Paulo Lima e Silva Filho
Instituto de Estudos Literários - Unicamp

Candido e Miceli: ambivalências sociológicas de um prefácio

João Paulo Lima e Silva Filho

Introdução

Em 1978 Sergio Miceli defende sua tese de doutorado na Universidade de São Paulo (USP). O trabalho havia sido elaborado na França, no quadro da École de Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), sob orientação de Pierre Bourdieu. Na banca estava Antonio Candido que, além da arguição oral redigiu um texto posteriormente publicado como prefácio da versão da tese em livro, lançada pela Difel em 1979 sob o mesmo título: *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*.¹

Este artigo analisa essa recepção específica com a preocupação de desenhar a morfologia das ideias que forjaram o trabalho de Miceli no contraste das que o receberam. Tratando-se de um trabalho que pode ser lido como resultado das mudanças quase que paradigmáticas operadas naquele período pelo grupo encabeçado por Pierre Bourdieu nas formas de produção de conhecimento sociológico na França², sua recepção, no nível da análise de suas ideias, pode ser tomada como parte constitutiva da relação ainda não totalmente delineada dos intelectuais brasileiros com a obra do sociólogo francês.³ Candido, intelectual já plenamente estabelecido no cenário nacional⁴, foi um dos primeiros leitores no Brasil de um trabalho feito sob a tutela de Bourdieu. Seu tratamento sensível, porém duro, que ofereceu bastante resistência ao teor substantivo e mais incisivo da tese de Miceli, no sentido de recusa da validade de seus meios, do questionamento do

¹ O prefácio de Candido acompanha o texto da tese também em *Intelectuais à brasileira* (MICELI, 2001), compilação de textos importantes do autor.

² Sobre o tipo de impacto experimentado por pesquisadores que trabalharam em parceria ou na proximidade de Pierre Bourdieu ver Encrevé e Lagrave (2003). No livro *Travailler avec Bourdieu* está reunida uma série de entrevistas com pesquisadores que, de forma mais direta, relatam como a experiência redimensionou os pilares práticos da pesquisa em suas respectivas áreas.

³ Ver Bortoluci, Jackson e Pinheiro Filho (2015): Trabalho importante que fora feito no sentido de avaliar essa lacuna encontra-se no artigo intitulado: *Contemporâneo Clássico: a recepção de Pierre Bourdieu no Brasil*. Gradativamente, em função inclusive do impacto mundial que a obra de Bourdieu passou a ter a partir da difusão de seus trabalhos, e da tradução mais sistemática de sua obra aqui no Brasil, essa lacuna vem sendo preenchida.

⁴ Para uma análise mais detida sobre as bases institucionais do estabelecimento de Antonio Candido como figura central no universo intelectual brasileiro, ver: Ramassote (2006), (2008); Pontes

valor de seus procedimentos, tornou-se um importante filtro para o prisma que por aqui recebeu as operações da sociologia crítica e reflexiva bourdieusiana. Filtro que estranhava as premissas adotadas pelo trabalho. O páreo analítico aqui proposto visa reter *a posteriori* um tipo de incompreensão de contexto nessa importante leitura do trabalho de Miceli.

Propõe-se uma análise que seja capaz de fugir aos termos estanques da dicotomia entre crítica literária de veio sociológico e sociologia dos intelectuais e capte, a um só tempo, os aspectos relevantes das duas maneiras de fazer sociologia, retendo assim os aspectos mais essenciais que estão presentes na sociologia miceliana. Aspectos que para serem bem avaliados precisam ser aferidos sob o prisma do impacto da experiência de Miceli junto ao grupo de Pierre Bourdieu, e portanto, lidos sob os critérios de validação latentes da *démarche* bourdieusiana⁵. Nesse sentido, volta-se para suas qualidades internas e, paralelamente, vislumbra-se entender as qualidades da visão de Candido que, por negá-la em suas premissas, perjurando seu propósito, defende outros recursos sociológicos, como os que investigam em nível hermenêutico, o processo de validação interna dos procedimentos sociológicos, como por exemplo, a sociologia das formas literárias⁶.

Toma-se em razão desse propósito, o prefácio redigido por Antonio Candido reagindo ao trabalho histórico de objetivação das relações entre os intelectuais e as classes dirigentes no Brasil da década de 1930, como uma espécie de síntese evocativa das premissas de sua visão de conhecimento postas em confrontação com as do jovem Sergio Miceli, aqui destacadas não apenas no prefácio, como também em entrevistas em que ele contextualiza sua formação. A hipótese da análise é a de que um olhar mais detido sobre as ambivalências contidas na dura leitura de Candido aos procedimentos sociológicos da tese de Miceli abre caminho para percepção de nuances e especificidades de dois *modus operandi* de tratamento sociológico da literatura. Trabalha-se esta hipótese não sem

(1998) e Jackson (2002), (2007).

⁵ Para resumo bem apresentado por sociólogos que se formaram e trabalharam também a partir desse universo ver Champagne e Christin (2002).

⁶ Sobre os termos do que se entende por sociologia das formas literárias, ver *Crítica e Sociologia*, capítulo do livro *Literatura e Sociedade* (CANDIDO, 2006), onde Candido, numa tentativa de esclarecimento bem acabado, mostra exatamente em que a crítica literária se diferencia da sociologia da literatura e outras disciplinas que tomam a literatura como objeto. E para um exemplo desse tipo de análise ver *Dialética da Malandragem* (CANDIDO, 1998).

antes apontar as marcas do esquema valorativo da sociologia bourdieusiana enraizada na de Sergio Miceli.

1. Esquema valorativo dos procedimentos sociológicos de Sérgio Miceli

Não seria exagero tratar o impacto da *formação específica* recebida por Miceli em seu doutorado na França como algo a mais do que uma simples assimilação de um capital intelectual específico, o que de fato foi. Visto, porém, como elemento relevante de maturação mais definitiva de seu processo formativo, esse impacto pode ser percebido como fator de estabelecimento dos parâmetros mais definidos e definidores de seu *habitus* acadêmico, inclusive nas marcas dessa assimilação que são *delineadoras* da qualidade de seus trabalhos.

Destaca-se a seguir a percepção do próprio Miceli sobre sua formação, para em seguida identificar os procedimentos valorativos decorrentes dessa percepção na visão do sociólogo sobre seu trabalho. A percepção de si do sociólogo é relevante do ponto de vista da análise na medida em que *performa* um reconhecimento crítico dos limites de sua formação inicial, feita em território brasileiro, em contraponto ao aprendizado específico, dado pela experiência junto ao grupo de Pierre Bourdieu. Ao responder a pergunta sobre como e com quem aprendera fazer sociologia, Miceli descreve não apenas uma parte importante de sua trajetória formativa, mas expõe o conjunto de valores que é tributário dela:

Havia feito uma graduação bastante interessante na PUC do Rio, no seguinte sentido: eu e meus colegas - e não é por acaso que a turma deu uma leva grande de sociólogos profissionais da minha geração - tivemos um curso bom, porque tínhamos professores que estavam começando a ousar em domínios que não eram ainda explorados na época: sociologia do conhecimento, sociologia da literatura, por exemplo. Tive professores como Costa Lima no início da carreira. Íamos na casa dele, onde fazíamos seminários. *Ele estava começando a ler as coisas meio junto com a gente. Li um monte de autores: Auerbach, que quando eu cheguei em São Paulo ninguém conhecia.* Tive uma iniciação com Cesar Guimarães em sociologia do conhecimento. *Não li apenas Mannheim, mas outras obras de sociologia do conhecimento instigantes.* [...] Era uma turma arrojada, o que era provocativo. Desigual, mas interessante. Talvez com uma formação melhor nessas disciplinas esquisitas e pior na formação básica como nós teríamos

na USP, por exemplo. (MICELI *apud* SILVA FILHO, 2016, p.483. Meus itálicos).

É interessante perceber, primeiramente, a ideia de formação usada por Miceli. Ela é utilizada em seu sentido mais banal, de acesso às leituras, de contato livresco com autores e de relação com professores, sentido que, como veremos mais adiante, vai ser questionado na experiência junto ao grupo de Pierre Bourdieu, e aparece claramente na maneira pela qual ele passa a trabalhar e conceber suas pesquisas. A chave para o argumento aqui posto é uma distinção feita no próprio seio da sociologia bourdieusiana, segundo a qual, o acesso meramente livresco a um conteúdo visto também como livresco cria uma espécie de encantamento nefelibata desvinculando o intelectual da realidade empírica a qual ele pensa se debruçar, produzindo uma distorção na *doxa acadêmica* que Bourdieu designou como "olhar escolástico".⁷ Miceli ao discorrer sobre sua própria formação percebe a diferença sem no entanto enunciá-la: a leitura de autores é o foco de sua formação brasileira "bastante interessante".

Com o mesmo significado ainda comum, Miceli trata a importância de seu mestrado na USP, dando continuidade a sua resposta sobre sua formação. Agora com a percepção que contrasta, em definitivo, o uso da palavra formação da do *métier* de sociólogo:

Comecei a ter uma formação de que era carente na graduação. *Lá tive Marx sumário, mas tive Marx de fato aqui. Mas isso ainda não é aprender a fazer sociologia, é formação.* O mestrado foi negociado de maneira complicada, porque houve de início a recusa do objeto: não queriam nada que tivesse a ver com indústria cultural, o assunto não estava na lousa dos projetos do Florestan. Na verdade, o meu mestrado só se viabilizou quando eles foram aposentados, porque daí a minha turma foi pressionada pelos professores a terminar as teses rápido. Como eu tinha já o trabalho ensaiado sobre os programas de auditório, eles permitiram. Mas digamos que foi feito meio isolado... ninguém me ajudou muito. Foi da minha cabeça o trabalho. Com todas as limitações que eu tinha na época. (MICELI *apud* SILVA FILHO, 2016, p.483-484. Meus itálicos).

⁷ Ver especificamente a construção mais bem fundamentada desse argumento em BOURDIEU (1997): No *Méditations pascaliennes*, sobretudo no primeiro capítulo intitulado "Critique de la raison scolastique", no qual Bourdieu discorre sobre as propriedades sociais da atividade intelectual que condiciona as disposições a pensar ao produzir o olhar escolástico.

Miceli se refere a seu mestrado lembrando que o fez "fugindo do pessoal das ciências sociais", procurando ser aluno de "Rui Fausto e José Arthur Giannotti, do Bento Prado Jr., do Antonio Cândido". A boa graduação na PUC era derivada das "disciplinas estranhas" que o fizeram ler autores desconhecidos no contexto uspiano. Seus interesses temáticos estavam fora da "lousa de Florestan". Sua via fugida das ciências sociais tais como se apresentavam na USP referia-se então aos temas de estudo, não aos procedimentos. No mestrado, Miceli continua no registro do empenho formativo habitual, livresco e que confunde, dentro da perspectiva bourdieusiana, as práticas de acumulação de cultura sociológica com as de produção de conhecimento de sociologia.⁸ Na USP ele teria consolidado sua formação, lida como sinônimo de assimilação de *cultura sociológica clássica*, ou seja, como boa leitura dos clássicos: "tive Marx de fato aqui [na USP]". Sem negar sua relevância, Miceli pontua os limites da ideia de formação, expressando discernimento reflexivo de maneira nítida: "[m]as isso ainda não é aprender fazer sociologia, é formação." Dessa forma, ele revela a limitação da formação anterior - sua experiência brasileira - quando delinea a importância relativa de seu contato mais direto com a sociologia bourdieusiana: o aprendizado do ofício veio depois da "formação".

Ora, se Miceli consegue perceber a diferença entre ele como novato aspirante a sociólogo, tratando a si mesmo *como um sociólogo de boa formação* (uma figura que teve acesso à *boa cultura sociológica*, boa leitura dos clássicos na USP, boas leituras de autores mais diversos na sua formação inicial no Rio) e o que ele se tornou depois da experiência junto ao grupo de Bourdieu, ou seja, um sociólogo *de ofício* (uma figura capaz de não apenas fazer boas leituras de textos, mas sobretudo com competências para mobilizar ferramentas específicas das ciências sociais para descrever e decifrar as lógicas de funcionamento do mundo social), ele o faz *a partir* do já vivenciado, ou seja, *depois* da experiência francesa efetivada. De maneira que fica difícil vislumbrar, diante da descrição de Miceli sobre sua própria formação, como seria sua atividade como sociólogo caso não tivesse

⁸ Miceli relata em outro momento da entrevista que já havia lido Bourdieu antes do doutorado. Entretanto nos relatos o impacto do aprendizado direto com a experiência de pesquisa se sobrepõe ao das leituras. (SILVA FILHO, 2016. p.485-486).

tido a experiência direta com o grupo de Bourdieu⁹, isto é, como teria sido sua atuação se tivesse experienciado, por exemplo, apenas a formação uspiana. Não é esta um conjectura com interesse em si mesma. Importa aqui como recurso retórico para se perguntar sobre o acesso, utilização e receptividade a essas mesmas ferramentas em um ambiente onde elas até então não faziam parte do escopo de centros de formação tão importantes como os frequentados por Miceli.

A experiência francesa é para Sérgio Miceli a referência do aprendizado do *ofício* de pesquisador propriamente dito, aprendizado sem o qual os critérios de validação do conhecimento por ele produzido ficam sem a sustentação adequada:

Onde eu aprendi a fazer sociologia foi na França. *Vendo as pessoas fazerem pesquisa.* Fiquei dois anos e tinha a mesa numa das salas do grupo do Pierre Bourdieu. No miolo do então Centro de Sociologia Europeia. Éramos poucos orientandos, então nós convivíamos de perto com os assistentes: com Claude Grignon, Jean-Claude Chamboredon, Luc Boltanski. Nós íamos almoçar juntos, saíamos em grupo no fim de semana. *Foi esse convívio e o treinamento de pesquisa. Não estava apenas fazendo minha pesquisa, estava fazendo e vendo as pesquisas a cargo dos demais pesquisadores, pesquisa quantitativa, levantamento estatístico, prosopografia. E tinha ainda outra prática valiosa, o fato de que o andamento, o progresso de nosso trabalho, era avaliado através de textos que ele [Bourdieu] lia, discutia e palpitava, num momento em que dispunha de mais tempo para os orientandos em começo de carreira. Ele vinha ao Centro quase todos os dias, ficava lá, auxiliado pelos assistentes que também liam o trabalho dos orientandos e assim eu aprendi um bocado.* Por exemplo: "Poder, sexo e letras na República Velha, estudo clínico dos anatólios", o artigo que saiu na Actes [de la Recherche en Sciences Sociales] antes de eu voltar para o Brasil, representa bem a síntese dessa experiência. É algo que eu não saberia fazer sem esse aprendizado. (MICELI *apud* SILVA FILHO, 2016, p.484. Meus itálicos)

É interessante notar a mudança na forma de apresentar os processos de seu aprendizado no trecho sobre a experiência francesa. Além do convívio e das leituras, que já aparecia na descrição do período anterior, Miceli traduz a multiplicidade de focos no processo de assimilação feita durante seu doutorado: "ver outras pessoas fazerem pesquisa", "convívio e treinamento de pesquisa" que

⁹ Vale lembrar que Miceli foi o único pesquisador brasileiro a ter essa experiência direta, o que foi confirmado por ele em entrevista: "De fato, nenhum outro brasileiro fez doutorado com ele,

ganha uma tradução concreta na fala "ver as pesquisas a cargo dos demais pesquisadores, pesquisa qualitativa, levantamento estatístico, prosopografia [...]"¹⁰. O exemplo da revista *Actes de la Recherche en Science Sociales* trazido por ele é ilustrativo por ser a revista, exatamente nesse momento inicial, uma aposta na crítica do entrincheiramento do aprendizado à sua dinâmica exclusivamente livresca, da recusa de seu aspecto prático e na valoração dos procedimentos analíticos mais banais das ciências sociais, geralmente negligenciados em detrimento das especulações teóricas, precocemente generalizantes.

As lembranças de Miceli sobre as especificidades desse percurso em sua formação são interessantes sobretudo porque ajudam a ter *parâmetros internos* para melhor dimensionar a maneira pela qual *deveria* ser lido seu trabalho, caso o critério da leitura passasse pela preocupação de captar o tipo de influência exercida pela sua experiência de formação francesa, que segundo ele mesmo teria sido, em certo sentido, determinante. Parâmetros que aparecem na maneira pela qual descreve a diferença entre os procedimentos de seu trabalho e os que são comumente associados à crítica literária ou, de maneira mais ampla, à história das ideias:

Darei o exemplo concreto de como eu trabalho. Em novembro de 2014, fiz uma conferência sobre a revista argentina *SUR*, o veículo mais prestigioso no campo cultural nos anos 1930; queria com isso dar um fecho ao trabalho comparado com o caso argentino. Ao se debruçar sobre tal objeto, *um crítico literário irá privilegiar a análise de textos e não prestará atenção à morfologia sociológica do objeto*. Fiquei um mês em Buenos Aires para ler a revista no período entre 1931 e 1945, fazendo xerox dos materiais mais importantes, anotando os índices, tudo isso. No entanto, o trabalho compreensivo consiste em identificar o círculo de pessoas que está por trás do projeto, saber quem sustenta a iniciativa. Quem são essas pessoas, os aliados da Victoria Ocampo, na turma responsável pela revista? São pessoas que pertencem a elite como ela. Alguns escrevem na revista, são críticos de arte, de música, são colecionadores. Não consigo armar o diagnóstico sem entender esse círculo da elite. O problema não se resolve pelo esclarecimento de quem financia a revista, porque ela era muito rica, e

nenhum outro latino- americano." (MICELI apud SILVA FILHO, 2016, p.497)

¹⁰ Claro que aqui pode ser alegado que isso ocorre em função da experiência francesa ter sido vivida no período final da formação, no caso o doutoramento. Há contudo todo o contexto de expressa valoração desse aspecto formativo como elemento distintivo da perspectiva bourdieusiana que assim se consagrou no campo intelectual francês no período subsequente.

concedia subsídios a fundo perdido. Como sucede o patrocínio social, ou melhor, o que sustenta a crença na legitimidade da revista – órgão emblemático dos valores esposados pelo círculo. O trabalho inicial foi reconstruir esse grupo, esboçar o retrato coletivo, um trabalho de prosopografia. *Não basta ler a revista, cumpre mobilizar as fontes biobibliográficas a respeito dos integrantes do círculo. Você tem de trabalhar a contrapelo dos mitos de invenção da revista, todos centrados na figura de Victoria Ocampo, da ação e da iniciativa dela – uma figura quase mitológica.* E a surpresa foi a revelação de que o grupo de amigos próximos é tão ou até mais competente que ela em termos culturais, pois são grandes colecionadores de arte, viajantes assíduos à Europa, integrantes de um circuito internacional cosmopolita. Não é possível deslindar a revista sem entender as feições do patrocínio. O caminho fácil é orientar o diagnóstico com base nas diversas biografias da protagonista, nos dez volumes de testemunhos, nos seis tomos de autobiografias. Eis o expediente cômodo de aprontar uma espécie de versão oficiosa. Quando se reconstrói o círculo a que ela pertence, a revista adquire um sentido mais abrangente, o de epicentro do *establishment* que controla todo o sistema cultural portenho. (MICELI *apud* SILVA FILHO, 2016, p.489-490. Meus Itálicos).

Vemos traços do desenho de contraste entre disciplinas sendo delineados: vê-se, por um lado, que na opinião de Miceli, um crítico literário “irá privilegiar a análise de textos e não prestará atenção à morfologia sociológica do objeto”, e que, por outro, o bom sociólogo deve não apenas “ler a revista”, mas cumpre “mobilizar as fontes biobibliográficas a respeito dos integrantes do círculo” para, no “contrapelo dos mitos de invenção”, confrontando a “versão oficiosa”, através da objetivação sociológica que dá um “sentido mais abrangente”, mostrar as lógicas de funcionamento do grupo que “controla todo o sistema cultural”. Nessa perspectiva, as práticas intelectuais que constituem a inteligência propriamente sociológica passam, necessariamente, por critérios de valoração de procedimentos específicos, como a escolha reflexiva dos materiais empíricos que, por sua vez, vai caracterizar o sentido do tipo de conhecimento a ser produzido. Essas competências e sensibilidades sociológicas, importantes como referentes de qualificação de bom pensamento sociológico para Miceli, são tributárias do aprendizado do *métier* junto ao grupo bourdieusiano.

Ao voltar da França e defender seu doutorado na USP Miceli apresenta um trabalho impregnado desse *habitus*. Antonio Candido fez-se então um dos primeiros leitores no Brasil de trabalho tão diretamente influenciado por Bourdieu. Seu texto preparado para arguição da tese e posteriormente publicado como prefácio de *Intelectuais e elite dirigente no Brasil (1920-1945)*, transformou-se num dos elementos paratextuais mais interessantes da produção intelectual recente. Nele, Candido refutava procedimentos essenciais da tese em suas premissas, algo raro nesse gênero de texto introdutivo, geralmente feito em tom menos contrastivo. Com que olhos o leitor atento e rigoroso que era Candido leu Miceli? Certamente a partir da perspectiva de um intelectual estabelecido, que havia delineado naquele momento seu lugar de peso no universo intelectual brasileiro, com uma obra que em vários sentidos, propunha um diálogo entre crítica literária de veio sociológico e as disciplinas afins, como a sociologia da literatura. Leitura que, contudo, tratou as marcas daquela experiência em outro registro valorativo que não o dos procedimentos intelectuais os quais Miceli reivindicava. Por essa razão, torna-se documento bastante interessante de premissas que são as linhas de força de seu modo de pensar.

2. Uma afinidade eletiva entre Candido e Miceli

Miceli lembra o momento de avaliação de seu trabalho de doutoramento da seguinte maneira:

Quando Antonio Candido teve a palavra, discordou frontalmente sobre a questão dos intelectuais formulada por Bresser: 'Eu acho que a coisa importante da tese é o fato de que ela apresenta um outro prisma'. Ele me deu impressa a sua intervenção. Mas fez uma arguição diferente do que escreveu, no seguinte sentido: ele trouxe para a arguição a experiência nativa dele, com aquelas pessoas. Do Fernando de Azevedo, faz um retrato notável: 'Você não conhecia essas pessoas. Eu conheci.' A Carmute se *prende muito na dimensão teórica*. Cobrou-me Mannheim. Era fácil de responder. O Gabriel foi embolado, misturando muitas coisas e *também muito teórico*. (MICELI *apud* BASTOS, 2006, p.229-230. Meus itálicos)

A lembrança de Miceli sobre a arguição de Candido põe em evidência, entre outras coisas, uma tênue tensão deste ao lidar com os procedimentos

sociológicos estabelecidos pelo trabalho de tese por ele avaliado:

A argüição mais próxima à *verdade histórica do material* foi a do Antonio Candido. Foi fascinante. Porque era de alguém que via por dentro o tema, que tinha simpatia pelo trabalho. E, ao mesmo tempo, *legitimando a tese*. [...]

Só que quando fui pegar a apresentação, ele disse que havia escrito coisas de que talvez não gostasse. "Então sinta-se à vontade para publicar ou não. É melhor que você leia antes de sair daqui". Lembro que me sentei em sua mesa e comecei a ler. Quando acabei, ele me perguntou: "então?". Eu lhe disse: "Realmente o senhor não concorda com algumas coisas, mas vou lhe dizer algo que o senhor, talvez, não goste. Eu acho que sua apresentação diz mais sobre o senhor do que sobre o meu trabalho. O senhor está falando do meu trabalho, mas, na verdade, está falando de si. É o senhor que está ali, portanto para mim é uma honra, uma homenagem. Vou publicar. Não faz mal que o senhor discorde". Ao contrário, isso ficou associado ao trabalho. (MICELI *apud* BASTOS, 2006, p.229-230. Meus itálicos)

Para tentar entender melhor as afinidades aqui retidas pode-se voltar às consagradas linhas do prefácio à segunda edição de seu *Formação da Literatura Brasileira*, para em seguida compará-las as disposições atuais da sociologia dos intelectuais proposta por Miceli:

Este livro foi recebido normalmente com louvores e censuras. Mas tanto num quanto noutro caso, o que parece haver interessado aos críticos e noticiaristas foi a 'introdução', pois quase apenas ela foi comentada, favorável ou desfavoravelmente.

Esse interesse pelo método talvez seja um sintoma de estarmos no Brasil, *preferindo falar mais sobre a maneira de fazer crítica, ou traçar panoramas esquemáticos, a fazer efetivamente crítica, revolvendo a intimidade das obras e as circunstâncias que as rodeiam*. (CANDIDO, 2000, p 15. Meus itálicos)

O argumento é claro: existe uma preferência no Brasil no que diz respeito à crítica por uma "maneira de fazer crítica" que não *a faz*, que "fala mais sobre a maneira de fazer ou traça panoramas esquemáticos" do que faz "efetivamente crítica". Candido, crítico de seus primeiros leitores, pode ser classificado como alguém que tomou como reflexão o "modo de apreciação" de sua obra, que analisa o "tipo de leitura" numa tomada de posição contra um *modo de operar* o tratamento

de um trabalho específico que não o faz, e que fica apenas preocupado com questões de como ele deveria ser feito, em suma: questões teóricas sobre a teoria literária, ou de ordem epistemológica ou metacrítica. Nisso, ele e Miceli estão em certo acordo, em afinidade na inclinação intelectual.

Não há dúvida, por um lado, lendo o trecho citado, de que algo aproxima as visões de Miceli e de Candido. Por outro, não é fácil delimitar o que exatamente as distancia. Pela descrição de Miceli o que transparece é uma aproximação pelo que poderíamos chamar de *sensibilidade empírica*¹¹ de ambos. Algo que colocava os outros arguidores da tese numa posição mais distante, diga-se teorizante, afastadas dos problemas concretos trazidos pelo tratamento histórico empiricamente embasado da tese. Como visto, o relato do sociólogo retém o contraponto que pode ser traduzido da seguinte maneira: Candido estava atento à “verdade histórica do material”, já a Carmute, “se prendeu muito a dimensão teórica”, o outro, o Gabriel, de mesma forma, foi “também muito teórico”. Ou seja, só quem se manteve próximo ao trabalho específico de pesquisa realizado foi justamente Antonio Candido. Pode parecer estranho que seja o mesmo Candido, em seu prefácio, que produza leitura tão dura de questionamento das premissas do *Intelectuais e classe dirigente no Brasil*. Afinal, em sua narrativa para a crítica literária, construída visando sua autonomia, a demanda era que a crítica fosse mais e apenas crítica, menos teoria literária, menos sociologia da literatura, menos história literária. Nesse sentido o arguidor estaria sim sensível a importância de um trabalho de sociologia que se realizou pela pesquisa concreta, como a de Miceli. Se comparamos a sensibilidade de Candido com uma outra definição de Miceli sobre o que qualifica o trabalho sociológico temos uma percepção mais clara disso:

Primeiro: um cientista social tem de ser capaz de aliar a boa formação a uma disposição para o trabalho empírico, para pesquisa, e fazer a liga entre a formação e o suporte empírico, eis um bom sociólogo. Sou um tanto cético com gente que arrota teoria. Ninguém faz teoria sem lastro empírico. Segundo: quando os grandes sociólogos começam a fazer formulações genéricas, abrangentes, é a partir do trabalho empírico prévio. Não existe sociologia teórica e muito menos teoria sociológica pura. (MICELI *apud* SILVA FILHO, 2016, p. 489. Meus Itálicos)

¹¹ Acontece que, como é possível perceber em outros trechos da entrevista com Miceli (SILVA FILHO, 2016), a sociologia da cultura não era bem vista ou reconhecida como objeto relevante pela sociologia tal qual a defendida por Florestan Fernandes.

É interessante perceber, no entanto, que essa afinidade que aproxima um do outro naquilo que tange o pressuposto valorativo da *prática de pesquisa* baseado no contato de confrontação com o material empírico (o texto propriamente literário no caso de Candido, e as fontes históricas, biográficas e bibliográficas no de Miceli) - que é o que gera a defesa de Candido contra outras avaliações mais teorizantes - não fora suficiente para produzir no texto de Candido, para além da fala, uma defesa da autonomia da sociologia praticada nos moldes de Miceli.

3. A avaliação de Candido sobre *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-45)*¹²

Como visto até aqui, segundo Miceli, Candido foi bom arguidor justamente por não ter adotado uma perspectiva meramente teórica de leitura, como a tida pelos outros membros da banca. A simpatia de Candido, expressa na arguição oral, retida na memória de Miceli, aparece de outra forma no texto que havia escrito para orientar sua fala e que veio a ser o prefácio do livro *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-45)*.

Tanto lá como aqui estamos diante de um investigador tenso e honesto, que procura levar a verdade o mais longe possível, num terreno escorregadio e cheio de armadilhas. *Digo isso porque nesse caso o autor acaba sendo também objeto do estudo*; pelo menos na medida em que pertence ao que um proustiano poderia por extensão talvez indevida mas sugestiva chamar a "grande e lamentável família" dos intelectuais, todos mais ou menos mandarins quando se relacionam com as instituições, sobretudo públicas; e inoperantes se não o fazem. (CANDIDO *apud* MICELI, 2001, p.71. Meus itálicos)

Candido avisa que sabe que o campo que Miceli adentra é minado, evocando a identidade entre pesquisador e objeto, para só então apresentar suas críticas que apontam para uma negação do valor da objetivação sociológica. Esta negação não se dá de maneira inteira. Ela é posta em evidência por uma recusa que tenta manter-se consciente das qualidades do trabalho. Assim, não é bem sobre a qualidade de Miceli como pesquisador que recaem as críticas, é sobre

¹²

Esse tópico é uma retomada de pontos trabalhados pelo autor na tese *Graciliano Ramos:*

aquele *procedimento específico* que é estruturante do trabalho que Candido se concentra. A negação está em um só tempo no foco da crítica e na base do elogio de Candido dedicado ao enfrentamento empírico do material.

Quando Candido diz que "este estudo se filia à arriscada tendência contemporânea para a desmistificação e as explicações por meio daquilo que está por baixo, escondido da consciência e da observação imediata" (CANDIDO *apud* MICELI, 2001, p 72), ou quando se refere a Miceli dizendo que "nessa batalha de interpretações ele nem sempre escapa [d]o risco de condenar em vez de compreender, embora o faça o mais das vezes de maneira implícita ou lateral, quando alude aos 'patrões' dos intelectuais, deslizando com certa dureza sobre a palavra mais cabível que seria *patrono*" (CANDIDO *apud* MICELI, 2001, p73), ou ainda quando fala do "perigo das análises desse tipo, que podem ser qualificadas de 'ideológicas' (CANDIDO *apud* MICELI, 2001, p73) por tratarem de misturar "desde o começo do raciocínio a instância de verificação com a instância de avaliação" (CANDIDO *apud* MICELI, 2001, p73), em todos esses momentos, é ao valor da objetivação efetuada que ele tenta objetar.

Toda a argumentação de Candido, nesse sentido, poderia ser resumida de maneira simplificada e esquemática na seguinte pergunta: o tratamento sociológico objetivante das trajetórias e vínculos dos intelectuais com as classes dominantes garante de fato uma visão mais condizente com a realidade das coisas? Não geraria ele uma espécie de foco ideológico em que o pressuposto epistemológico é a suspeição de todos (os intelectuais)?

Antes de nos atermos a ela e atenuá-la, digamos que essa "suspeição de crítico", que visa a desautorizar a "suspeição sociológica", é ainda mais interessante porque todos esses exemplos de discordâncias são seguidos de uma autorreflexão a respeito da posição que o próprio Candido ocupava como analista ou participante do universo intelectual estudado por Miceli:

[...] Numa palavra, **Miceli já dispõe de uma perspectiva temporal, que permite certo afastamento e, portanto, o olhar sem paixão e quem sabe sem 'piedade'**. Mais uns anos e quase todos esses homens serão vinte linhas esquematizadas e arbitrárias numa enciclopédia, sem sopro nem movimento. **Mas eu não os vejo assim**, porque me formei olhando-os na

estudos de sociologias implícitas, defendida em 2010, na UFPE.

rua, nas fotografias de jornal, nas salas, no noticiário e na referência viva de terceiros. **Tomei partido**, julguei seus atos em função dos meus, orientei os meus pelos deles. Portanto **não consigo vê- los de longe** e, às vezes, **nem aceitar como verdade manipulável intelectualmente os dados** de suas biografias e autobiografias. Não é raro eu sorrir quando Miceli se funda para argumentar em informações desse tipo, cujo grau de alteração eu *ainda* posso sentir, mas ele *já* não. (CANDIDO *apud* MICELI, 2001, p. 72-73. Meus grifos, itálicos do autor).

O uso da primeira pessoa e as alocações dos qualificativos "olhar sem paixão" e "sem piedade" dão expressão, em certa medida, à tensão indicada. Tensão que invoca com muita força uma negação da objetivação sociológica do universo social nos seus termos críticos. A temporalidade descortinada por Candido, que fala em contraposição de duas atitudes possíveis, a implicada (contida no "ainda posso sentir"), e a externa (exposta no "já não"), dá a tônica resistente dele ao procedimento analítico de Miceli. Poderíamos ainda, articulando tudo, perceber que o argumento do crítico faz uma correspondência vinculando o distanciamento da "perspectiva temporal" da sociologia histórica ao "olhar sem paixão e quem sabe sem 'piedade'" do sociólogo.

É dessa forma que se prepara no prefácio, com coerência, a ponderação a respeito do alcance da análise sociológica, que ele efetua como na avaliação seguinte:

Dou esse exemplo apenas para dizer que Miceli às vezes dá realce excessivo à generalização simplificadora, mas para reconhecer que essa tendência está em todos nós, quando tentamos a operação de conciliar a descrição do destino de cada um com o significado que ele acaba adquirindo realmente no processo histórico. Quem sabe o que de fato significamos entre os dois infinitos? (CANDIDO *apud* MICELI, 2001, p. 74)

Generalização simplificadora e a conciliação de trajetórias individuais com o significado histórico são outros nomes para a tensão que depura dicotomias e expressa, na argumentação de Candido, uma admiração hesitante que finda por rejeitar, negar mesmo, o valor específico atribuível ao processo de objetivação do universo intelectual, do qual ele mesmo *fez parte*.

É interessante notar que Miceli, percebendo a sinceridade de Candido, mas mais do que isso, notando aquilo que ela revelava acerca da legitimidade de

seus argumentos, credita e publica, por isso mesmo, um texto que discorda das teses essenciais de sua postura sociológica.¹³ Postura essa que, segundo Candido, mataria o que há de vivo nos homens e mulheres, pois, "mais uns anos e quase todos esses homens serão vinte linhas esquematizadas e arbitrárias numa enciclopédia, sem sopro nem movimento". (CANDIDO *apud* MICELI, 2001, p.72).

A reflexão vinda de Miceli a respeito das discordâncias de Candido guarda interesse sociológico, na medida em que nota que é o próprio Candido no referido prefácio que explicita em vários momentos o papel da *implicação* nos termos da análise de Miceli. Ora, dentro da perspectiva da sociologia crítica defendida na tese, a implicação a qual Candido se refere seria, ela também, considerada objeto de análise. Na perspectiva bourdieusiana à qual Miceli está filiado, a implicação faria parte dos mecanismos que, na dinâmica do mundo social, justamente porque *pre-ocupada* com os laços sociais existentes, não consegue revelá-los em suas funções. Tarefa essa da sociologia. Quando Candido fala de um limite dado pelo fato de Miceli não ver (ou não levar em conta) coisas que não viveu, e portanto não estar implicado com elas, fala também do limite seu que, por estar implicado, não consegue se distanciar das coisas que viveu para olhar do ponto de vista objetivado de onde Miceli olha para a mesma realidade. Por esse motivo Candido estaria, dentro da lógica interna da *démarche* adotada por aquela sociologia, em alguma medida, legitimando, confirmando os procedimentos que criticava e também as hipóteses levantadas.

A identidade entre autor e objeto à qual se refere o crítico, esse falar sobre a "grande e lastimável família" dos intelectuais de maneira intelectual (através da sociologia), é o ponto de inflexão e principal ponto da discordância a um só tempo dura e simpática de Candido naquele momento. Nela (na discordância) encontramos, no decorrer do texto, alusões tensas e classificações hesitantes às posturas que visam *dar posição* ao trabalho de Miceli no campo disciplinar. Entre o analítico e o pessoal, as opiniões contidas no prefácio se articulam em movimento de ida e vinda entre o negativo e o positivo da postura histórica-objetivante, própria do trabalho sociológico por ele avaliado.

¹³ Além do que, como reconhecido pelo próprio Miceli, não importa a opinião favorável de Cândido, àquela altura, o simples posicionamento dele já era um elemento de legitimação da tese. Vale lembrar também que, além da publicação original, Miceli leva o prefácio a *Intelectuais e classe dirigente no Brasil* junto do texto quando da sua inclusão na compilação *Intelectuais à Brasileira*.

Consideração final

Miceli usa a sociologia para destrinchar os meandros da produção intelectual da literatura num período caro às relações de Candido. Mobiliza para isso uma série de materiais centrados no mundo social, dentre eles os textos literários, mas se interessa pouco por eles no sentido de apreciá-los na sua modulação interna. Candido é conhecido e reconhecido por usar a sociologia para fazer crítica, defendendo o mérito e a legitimidade do contato cerrado com o texto literário. Este é um fator importante na forma como ele é lido e vem sendo usado na produção de crítica literária e de sociologia da literatura no Brasil. Tanto nas observações de Candido, quanto na reflexão de Miceli, é dado especial relevo ao fator da implicação que diferencia os pontos de vista de um e de outro em relação ao ambiente estudado por Miceli na tese. Àquela altura Candido já estava completamente estabelecido intelectual e institucionalmente e já tinha um legado de prescrições sobre como a sociologia deveria ser mobilizada diante da literatura. Não era conforme esses parâmetros que se organizava o trabalho de Miceli, embora, como já ressaltamos, o embate direto com o material empírico fosse contemplado por ambos. Na arguição e no prefácio Candido não chega a reivindicar explicitamente adesão aos preceitos por ele formulados. Mas, se aceitamos aquela diferença de implicação como explicação para a tensão aqui apresentada, não é legítimo nos perguntar sobre o papel da defesa implícita do modo Candido de fazer, já tão consagrado, diante do defendido pelo entrante Sérgio Miceli?

Esta análise da relação tensa de admiração e recusa de Candido a um tipo de sociologia como a de Miceli, considerado como sendo mais *stricto sensu*, ajuda no discernimento em relação a uma *confusão de registros* hoje reinante. Sociologia da literatura faz quem faz que tipo de trabalho? Entre o quadro de leitura do social existente no modo de fazer crítica literária de Candido, que o faz nitidamente a partir de sensibilidade sociológica - a sociologia das formas literárias - e o projeto de uma sociologia dos intelectuais à Miceli, há matizes de continuidades e descontinuidades que, umas vez compreendidas, podem agenciar novos conhecimentos em função de uma ecologia mais equilibrada da produção de

(MICELI, 2001).

conhecimento a partir desses saberes.

Referências bibliográficas

BASTOS, Elide; ABRUCIO, Fernando; LOUREIRO, Maria Rita; REGO, José Marcio. *Conversas com sociólogos brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2006.

BORTOLUCI, Henrique, JACKSON, Luiz Carlos e PINHEIRO FILHO, Fernando. “Contemporâneo Clássico: a recepção de Pierre Bourdieu no Brasil.” In: *Revista Lua Nova*, São Paulo, v. 94, 2015. p.217-254.

BOURDIEU, Pierre. *Méditations pascaliennes*. Paris: Éditions Seuil, 2003.

CANDIDO, Antonio. “Dialética da malandragem”. In: _____. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1998.

_____. *Formação da literatura brasileira*. 7.ed., v.1. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.

_____. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul, 2006.

_____. “Prefácio”. In: MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CHAMPAGNE, Patrick e CHRISTIN, Olivier. *Pierre Bourdieu: mouvements d'une pensée*. Paris: Bordas, 2004.

ENCREVÉ, Pierre e LAGRAVE, Rose-Marie. *Travailler avec Bourdieu*. Paris: Flammarion, 2003.

JACKSON, Luiz Carlos. “Tensões e disputas na sociologia paulista (1940-1970)”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v.22, n.65, 2007. p. 33-49.

_____. *A tradição esquecida: Os Parceiros do Rio Bonito e a sociologia de Antonio Candido*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MICELI, Sergio. "Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)". In: _____.
Intelectuais à brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel,
1979.

PONTES, Heloísa. *Destinos mistos: os críticos do grupo Clima em São Paulo*. São
Paulo: Companhia das Letras, 1998.

RAMASSOTE, Rodrigo Martins. *A formação dos desconfiados: Antonio Candido e a
crítica literária acadêmica (1961-1978)*. Dissertação de mestrado.
Departamento de Antropologia. Unicamp: 2006.

_____. "A sociologia clandestina de Antonio Candido". In: *Revista Tempo
Social*, vol.20, n.1, 2008. p. 219-237.

SILVA FILHO, João Paulo Lima. *Graciliano Ramos: estudos de sociologias
implícitas*, Tese de Doutorado, Recife-PE, UFPE, 2010.

_____. "Era um negócio artesanal e a gente tinha gosto de fazer". In: *Revista
Remate de Males*, v.36, n.2, 2016. p. 481-502. [entrevista com Sergio
Miceli]